

EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE BIOLOGIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Fábio Brandão Vieira¹

Luciana Moro¹

RESUMO

O presente trabalho é um relato de experiência sobre a oferta, ao longo de quatro semestres, de uma disciplina de prática de ensino que permite aos discentes do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas de uma universidade pública de Minas Gerais, o estudo, a discussão e a elaboração de atividades didáticas com o tema saúde. Busca-se aqui fazer uma reflexão sobre a importância da Educação em Saúde na trajetória escolar e na formação inicial de professores. Os estudantes se aproximaram de bibliografias específicas e de inovações pedagógicas e elaboraram atividades didáticas que contemplam a Educação em Saúde. As análises mostraram que os licenciandos, que inicialmente desconheciam os pressupostos e objetivos desse campo de ensino, conseguiram apresentar bons trabalhos, apropriando-se dos conceitos específicos dessa área. A experiência também evidenciou a evolução dos participantes quanto à utilização de novas ferramentas pedagógicas e à percepção sobre o papel da Educação em Saúde na escola.

Palavras-chave: Educação. Ensino. Educação em Saúde.

Recebido em: 24/11/2016

Aprovado em: 18/09/2017

¹ Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

HEALTH EDUCATION IN THE INITIAL FORMATION OF BIOLOGICAL SCIENCES TEACHERS: A REPORT OF EXPERIENCE

Fábio Brandão Vieira

Luciana Moro

ABSTRACT

The present paper is an experience report of a four semester offer of a teaching practice subject that allows undergraduate students of a biology-teaching program of a public university of Minas Gerais to study, to discuss and to elaborate pedagogical activities with the theme "Health". This article seeks to reflect on the importance of Health Education in the elementary school trajectory and initial teacher training. The students approached specific bibliographies and pedagogical innovations and elaborated pedagogical activities that contemplate Health Education. Our data showed that the undergraduate students, who were initially unaware of the presuppositions and objectives of that teaching field, managed to present good practice tasks. Additionally, they appropriated specific concepts related to health education. The experience also evidenced their evolution regarding the use of new pedagogical tools and the perception about the role of Health Education in elementary school.

Keywords: Education. Teaching. Health education.

Received on: 24/11/2016

Approved on: 18/09/2017

INTRODUÇÃO

Conteúdos ligados ao processo saúde-doença são bastante recorrentes durante as aulas de Ciências e Biologia. Os estudantes sempre têm dúvidas e querem falar sobre esses assuntos. Os professores agem no papel de nutricionistas, médicos, farmacêuticos, veterinários, psicólogos, agentes de saúde etc., tudo isso para conseguir atender aos questionamentos de seus educandos. Porém, trabalhar o tema saúde na escola não é tarefa fácil e requer percepção especial por parte do docente, uma vez que a saúde não pode ser vista apenas com um olhar biológico. Aspectos históricos, culturais e socioeconômicos estão intimamente ligados aos processos condicionantes de saúde, e um professor deve levar isso em consideração durante suas abordagens do tema em sala de aula.

É bastante comum os professores relatarem dificuldades ao trabalhar com temas ligados à Educação em Saúde (ES). Tais dificuldades vão desde a falta de auxílio por parte do livro didático até a falta de incentivos por parte da escola. Mas outro fator importante é a formação inicial desses professores, pois em vários casos ela é deficiente no que diz respeito à oferta de ferramentas pedagógicas que lhes permitam trabalhar ES com os alunos.

Acredita-se que um currículo de formação de licenciandos em Ciências Biológicas deva possuir disciplinas que discutam estratégias metodológicas sobre o trabalho com ES. Por isso, buscase, neste relato de experiência, uma reflexão sobre a importância do tratamento do tema, no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas de uma universidade pública brasileira, por meio de uma disciplina optativa, visando ampliar a percepção e a discussão sobre o fato de que professores em formação devem se preparar para ensinar e discutir assuntos relativos à saúde (e suas múltiplas dimensões) na educação básica.

EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO CURRÍCULO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA

A Educação em Saúde pode ser compreendida, segundo Mohr (2002, p. 38), como um conjunto de “atividades realizadas como parte do currículo escolar, que tenham uma intenção pedagógica definida, relacionada ao ensino-aprendizagem de algum assunto ou tema relacionado com a saúde individual ou coletiva”. Diante dessa perspectiva, professores não podem ser (simplesmente) agentes de prevenção dentro da sala de aula. Docentes são importantes para a promoção da saúde na escola, mas eles têm o papel de trabalhar com os

estudantes a autonomia, a capacidade de reflexão e a crítica acerca de assuntos que dizem respeito à sua saúde e à de sua comunidade. Ao assumir esse papel, o professor, por meio do trabalho com a ES, pode sensibilizar os educandos a buscar permanentemente a compreensão dos condicionantes de saúde, além de capacitá-los para a utilização de medidas de promoção, proteção e recuperação da saúde (BRASIL, 1998).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) orientam que a ES “favorece o processo de conscientização quanto ao direito à saúde e instrumentaliza para a intervenção individual e coletiva sobre os condicionantes do processo saúde/doença presentes no meio” (BRASIL, 1998, p. 255). Os PCN também citam que as múltiplas dimensões do processo saúde-doença por si só justificam a caracterização da temática saúde como um Tema Transversal (TT) do currículo, ou seja, aquele campo que não é uma disciplina, mas que deve ser abordado por todas as disciplinas curriculares da educação básica. “Com efeito, somente a participação das diferentes áreas, cada qual enfocando conhecimentos específicos à sua competência, pode garantir que os estudantes construam uma visão ampla do que é saúde” (BRASIL, 1998, p. 263).

Ressalta-se que a transversalidade se faz presente, segundo o MEC (BRASIL, 1998), por esses assuntos tratarem de questões sociais e com natureza diferente da das áreas convencionais, possuindo uma complexidade que faz com que nenhuma delas, isoladamente, seja suficiente para abordá-los e atravessando os diferentes campos do conhecimento. A proposta da transversalidade para o alcance dos objetivos dos TT e o trabalho da ES como um deles possibilitam atuações em prol da melhoria dos níveis de saúde pessoal e da coletividade (VENTURI; PEDROSO; MOHR, 2013).

Sob esse olhar, educar em saúde exige do professor a capacidade de romper com a educação tradicional e com o estilo fragmentado do currículo. Porém, “apesar do discurso em torno da abordagem transversal dos conteúdos de saúde no ambiente escolar, como é defendido nos PCN, a ES ainda está sendo trabalhada de forma fragmentada” (SAMPAIO, 2014, p. 20-21). Observa-se que muitas escolas e professores ainda carregam uma visão reducionista sobre os pressupostos da ES. A maioria das discussões sobre assuntos ligados à saúde fica por conta das disciplinas de Ciências e Biologia, e o olhar biológico, ou o “biologismo”, do processo saúde-doença é bem mais enfatizado durante as aulas, enquanto se discute minoritariamente sobre as influências dos meios físicos, socioeconômicos e culturais nas condições de saúde dos indivíduos.

É importante pensar na formação dos futuros professores uma vez que se deseja maior atenção para a ES na escola. De acordo com Talavera e Gavidia (2007), a implementação de atividades desse campo não é uma tarefa simples e requer docentes que possuam o conhecimento e o interesse necessários para fazê-la. Por isso, nasceu a iniciativa de implantar uma disciplina sobre ES no currículo de graduação da licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), trabalhando o tema de maneira transversal desde a formação docente, no intuito de incentivar os futuros professores a buscarem novos meios de abordar e praticar a ES na escola.

A DISCIPLINA LABORATÓRIO DE ENSINO EM SAÚDE

A disciplina Laboratório de Ensino em Saúde é ofertada pelo Instituto de Ciências Biológicas (ICB), compondo o Grupo de Prática de Ensino, do Grupo Específico da Licenciatura, presente na estrutura curricular do curso de Ciências Biológicas. Foi verificado que, apesar de o estabelecimento do atual Plano Político Pedagógico do curso em questão estar vigente desde o ano de 2005, a disciplina só se materializou em 2015.

É uma disciplina optativa, ofertada semestralmente, com carga horária de 30 horas, sendo a hora-aula de 1h40min/semana, o que resulta numa distribuição de 18 aulas ao longo do semestre letivo. As aulas ocorrem às quintas-feiras, das 20h50 às 22h30. Tal horário se justifica pela maior concentração de estudantes de licenciatura no período noturno, uma vez que, nesse turno, apenas a modalidade licenciatura é ofertada pela instituição.

É uma iniciativa para aumentar a percepção dos discentes sobre a importância de eles se prepararem para ensinar e discutir assuntos relativos à saúde individual e coletiva no ambiente escolar, na família e na comunidade. Vem sendo uma disciplina que se encaixa na proposta de ofertar aos graduandos matriculados a oportunidade de ser um professor de Ciências e Biologia da educação básica como consta no Projeto Político Pedagógico do curso:

- a) profissional competente e atualizado cuja formação deve assegurar abertura às inovações futuras;
 - b) professor que deverá, não só dominar o conteúdo e técnicas de determinada área, mas compreender e ser capaz de intervir no processo de aprendizagem de seus alunos;
- [...]

e) ter consciência de seu papel para a formação de cidadãos críticos (UFMG – ICB, 2005, p. 12).

O trabalho nesse laboratório de ensino se baseia na valorização de estratégias pedagógicas para trabalhar a ES na escola e no incentivo do futuro professor na busca de ferramentas para implementar seu trabalho na sala de aula. As cinco primeiras aulas são do tipo expositivas e dialogadas. As 13 aulas restantes são planejadas para a elaboração de trabalhos práticos e conduzidas pelos autores deste relato.

AS AULAS EXPOSITIVAS DIALOGADAS DA DISCIPLINA

Para as aulas expositivas dialogadas, foram escolhidos temas que se destacam para a formação na área de ES na escola, tendo sido elencados, a partir de pesquisas bibliográficas, aqueles que contribuem diretamente para a formação e reflexão da prática docente nesse campo de ensino. Embora aulas expositivas sejam importantes, não é o objetivo ocupar a maior parte do tempo da disciplina com essa modalidade, uma vez que é um ambiente para práticas de ensino. É por esse motivo que quase 70% da carga horária destinam-se a atividades práticas de reflexão e em grupos, o que é um estímulo para que o estudante seja ativo na construção do seu conhecimento.

Durante as aulas teóricas, são abordados e discutidos vários assuntos, tais como:

- *O tema saúde nos currículos do ensino fundamental e médio*: sob a perspectiva dos PCN, discute-se como o Tema Transversal saúde pode ocorrer ao longo do currículo da educação básica no Brasil.

- *PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais)*: essas publicações são apresentadas aos estudantes para que tomem conhecimento desses documentos do MEC e sejam estimulados a se orientar por eles. Os graduandos são incentivados a utilizar esses parâmetros em suas produções pedagógicas ao longo da disciplina. Também são apresentados, com o mesmo objetivo, os Currículos Básicos Comuns (CBC) da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais (SEE-MG).

- *Saúde como Tema Transversal*: baseando-se no PCN de saúde, os estudantes são convidados a entender a caracterização dos TT nos currículos, bem como quais são sua importância e seus

objetivos, além das razões de o tema saúde ter ganhado tamanha notoriedade. Há também discussões sobre o distanciamento entre os PCN e a realidade da prática docente.

- *Dicotomia saúde & doença*: são feitas algumas considerações sobre o processo saúde-doença, o conceito de saúde e os condicionantes.

- *Educação em Saúde na escola*: é a oportunidade que os graduandos têm de discutir sobre a importância da reflexão a respeito das práticas pedagógicas dentro da ES no ambiente escolar. Sob um enfoque formador, os estudantes são estimulados a pensar na atuação docente com o tema saúde.

- *Interdisciplinaridade*: partindo-se da concepção de que saúde é um Tema Transversal a ser trabalhado na escola, evidencia-se que todas as disciplinas curriculares (português, matemática, geografia, entre outras) devem ser inseridas na ES. Como elaborar atividades interdisciplinares? Qual a importância da interdisciplinaridade na aprendizagem dos conteúdos?

- *Abordagem dos conhecimentos por projetos*: vivemos em um momento instável, em que “é improvável que amanhã seja como hoje e que o depois de amanhã definitivamente e improvavelmente vai ser como o antontem” (KRESS, 2000, p. 134). Assim a metodologia de projetos se insere na ES, uma vez que os projetos têm a instabilidade como característica e, além disso, como relata Kress (2000), os nossos currículos devem educar para a instabilidade.

AS ATIVIDADES DISCENTES DA DISCIPLINA

As seguintes tarefas ocorrem ao longo da disciplina:

- *Memoriais*: os estudantes são orientados na elaboração de um memorial, a ser trabalhado no decorrer da disciplina, que contenha alguns aspectos ligados às abordagens do tema saúde ao longo de suas vidas escolares. Os relatos são entregues impressos, discutidos em sala de aula de modo coletivo – como partilha de experiências – e são utilizados para ilustrar a aula *Educação em Saúde na escola*. Acredita-se que esse tipo de atividade permite ao estudante fazer um resgate das experiências como discente, além de ser um ponto de partida para levantarmos alguns conhecimentos prévios dos estudantes sobre a ES. Com base nos relatos,

consegue-se elencar fatos que exemplificam acertos e erros sob a visão dos futuros professores e geram reflexões acerca das situações expostas.

- *Fórum*: é uma atividade simples com a participação por meio do envio de duas questões sobre artigos indicados (uma questão para cada artigo). É feito via plataforma eletrônica utilizada pela universidade, o *Moodle*. O objetivo inicial é estimular a leitura de artigos. As questões enviadas passam por uma triagem realizada pelos professores e em sala também são utilizadas na aula *Educação em Saúde na escola*.

Os questionamentos dos estudantes em relação aos artigos e os relatos oriundos dos memoriais auxiliam a configurar a aula *Educação em Saúde na escola*, na qual docentes e discentes discutem sobre as percepções iniciais dessa área do conhecimento.

- *Visitando os PCN*: nessa atividade a turma é dividida em quatro grupos. O objetivo é a elaboração de um plano de aula interdisciplinar com um assunto ligado à saúde. Como os PCN de outras disciplinas podem ofertar subsídios para valorizar ainda mais o aspecto interdisciplinar de uma atividade, os estudantes são orientados a pesquisar nos PCN itens de outros componentes curriculares, além de Ciências e Biologia, para os seus trabalhos.

A utilização dos PCN como fonte de pesquisa informa ao estudante da licenciatura que existem propostas de currículos nacionais, organizadas pelo Governo Federal. Ou seja, como ensinar e/ou quando ensinar tal matéria? Esses documentos do MEC são o primeiro passo para organizar os conteúdos que serão ensinados na educação básica. Com isso, os estudantes conseguem ter algumas ideias para compreender a complexidade dos assuntos e como encaixá-los em suas propostas de trabalho docente.

- *Saúde na mídia*: é também uma atividade realizada com a turma dividida em quatro grupos, e cada um deles escolhe uma reportagem com algum assunto ligado ao tema saúde. O objetivo é a elaboração de uma atividade avaliativa tendo a reportagem como base. O questionamento inicial da tarefa é: como utilizar reportagens na sala de aula combatendo a abordagem da ES com o enfoque puramente informativo e/ou dogmático e trabalhando-a com enfoque formador? Sugere-se que a reportagem deve ser de um contexto próximo à realidade dos educandos.

A proposta de utilizar a mídia de massa como fonte de informação se deve à existência, nela, da distorção de algumas das inúmeras situações envolvendo o tema saúde que dão margens

para a veiculação dogmática de moralidades, costumes e comportamentos que estão longe de serem únicos. É um incentivo a desfazer a relação que ocorre no ensino tradicional, em que o professor é o adulto com experiência, e o estudante é o jovem inexperiente.

- *Projeto de ensino*: a turma é dividida em seis grupos. Cada grupo trabalha um tema de saúde na forma de projeto de ensino. Os temas sugeridos são: *Alimentação e Saúde, Saúde do Trabalhador, Saúde Mental, Saúde no Trânsito, Drogas, Educação Afetivo-Sexual e Orientação Sexual*. Os temas de cada grupo são escolhidos pelos próprios estudantes.

Para o sucesso dessa atividade, os estudantes recebem uma aula expositiva de metodologia de projetos, na qual há a exemplificação de projetos de ensino na ES e uma aula destinada à prática de elaboração de um projeto de ensino. Além disso, para cada aula referente à apresentação de um projeto (com duração de até 45 minutos, em dia específico de acordo com o cronograma), ocorre também um espaço para a avaliação escrita do projeto, a ser realizada pelos demais grupos, e, por fim, a discussão e a defesa do projeto em questão. É o ponto mais forte da aula.

Nessa atividade, os estudantes são desafiados a colocar a criatividade em ação. Os projetos de ensino devem promover a retomada de conhecimentos prévios dos educandos construídos na escola, ou seja, o resgate de conhecimentos básicos, a atualização e a disponibilização de conhecimentos prévios. Além disso, ocorrem estímulos para a valorização da alfabetização e do letramento científico, importantíssimos no caso da ES (VENTURI; PEDROSO; MOHR, 2013).

- *Roteiros de avaliação dos projetos*: sempre que ocorre uma apresentação de projeto, os demais grupos devem fazer a avaliação escrita, seguindo um roteiro, do trabalho apresentado. São disponibilizados dez minutos, após cada apresentação, para a realização dessa avaliação e, logo após, ocorrem discussões (observações, elogios, críticas, sugestões etc.) sobre o projeto do dia, nas quais há a oportunidade de o grupo defender o projeto que apresentou. Isso permite que os graduandos reflitam sobre a complexidade presente na elaboração de projetos, bem como na avaliação deles.

- *Autoavaliação de desempenho e Avaliação da disciplina*: por meio desses instrumentos, consegue-se ter maior contato com os licenciandos e analisar elementos pertinentes ao aproveitamento da disciplina. Ajudam a refletir sobre as práticas docentes dentro de um laboratório de ensino: o que é ou não eficiente, o que realmente auxilia na formação de

professores e quais são as dificuldades. É fundamental e bem útil o retorno que ocorre no último dia da disciplina.

A EVOLUÇÃO DOS ESTUDANTES

Ao longo desses dois anos de realização do Laboratório de Ensino em Saúde, a cada semestre ficou evidente que os alunos, embora relatem e percebam a importância da ES na escola, deixam claro que tiveram poucas atividades relacionadas a ela em suas trajetórias escolares e até mesmo na vida acadêmica que estão seguindo. Talvez isso tenha influenciado no fato de as turmas terem dificuldades para, por exemplo, definir o que é ES e apresentarem uma visão limitada e precária de como esse campo pode ser explorado na escola.

Nas primeiras abordagens da ES na disciplina, no início de cada semestre, por meio das atividades *Memoriais* e *Fóruns*, percebeu-se que os estudantes são carentes de informações importantes desse campo de ensino. Os relatos dos memoriais trazem narrações de uma ES focada em doenças e seus ciclos, prevenções e cuidados com o corpo, basicamente explicados, utilizando-se apenas conhecimentos biológicos, e sem propostas de interdisciplinaridade ou transversalidade. Majoritariamente eram trazidas abordagens que trabalhavam temáticas de higiene e cuidados com o corpo, alimentação saudável, prática de exercícios físicos, gravidez na adolescência e doenças sexualmente transmissíveis. Usando-se esses relatos, foram criadas oportunidades para discussão, em sala de aula, dos pontos positivos e negativos daquilo que os estudantes trazem da vida escolar e acadêmica, dos tipos de enfoques, dos fatos marcantes, entre outros. Uma vez que a atividade *Memoriais* não é simplesmente um relato, pois há um estímulo para que os alunos escrevam suas memórias avaliando-as criticamente com auxílio de bibliografia especializada, conseguiu-se absorver desde então que os estudantes conseguem perceber o que poderia ter sido mais bem explorado e o que foi positivo no processo de ensino e aprendizagem. E, a partir daí, os professores introduziam conceitos importantes de ES, conectando os alunos às pesquisas atuais e às orientações do MEC sobre o tema.

Na atividade *Visitando os PCN*, os alunos demonstraram dificuldades em utilizar, nos planos de aulas e sequências didáticas, os parâmetros curriculares propostos pelo governo e os conteúdos básicos comuns propostos pela Secretaria de Educação de Minas Gerais. Foi preocupante observar que boa parte deles, mesmo aqueles que já se encontravam no último período do curso, desconheciam as propostas curriculares dos governos. Segundo os próprios estudantes, ou não houve sequer um contato com os referidos documentos ou foram pouco trabalhados.

Diante dessa deficiência na licenciatura em questão, ofertar uma atividade pedagógica que permita aos graduandos esse tipo de experiência docente valoriza ainda mais a formação, seguindo o que é dito por Faria Filho (2014, p. 92), quando ele afirma que “a atuação na formação de bons professores exige dos formadores o desenvolvimento de situações de ensino e aprendizado que levem em conta, já na instituição de formação, a realidade da escola em que o futuro professor atuará”. Uma vez que ainda estão em formação, precocemente são dadas chances a esses estudantes de se aperfeiçoarem quanto à escolha de metodologias pedagógicas eficazes que possam aprimorar seus trabalhos nas escolas. Acredita-se que um professor vai aguçando suas técnicas e métodos à medida que exerce a sua profissão, mas é certo que a melhor maneira de auxiliar esse processo é com uma boa formação inicial.

Como resultado, mesmo diante de dificuldades com os documentos de base, uma parte considerável dos estudantes elaborou bons trabalhos com atenção aos pressupostos e objetivos da ES e se esforçou para se apropriar dos principais conceitos dessa área. Os temas dos trabalhos foram bem heterogêneos: *Vacina, Microbiologia, Vigilância Sanitária, Drogas, Meio Ambiente, Educação Física e Nutrição, Lixo e Consumo, Saneamento Básico, Orientação Sexual, Corpo Humano, Alimentação Saudável e Distúrbios Alimentares, Uso de Medicamentos, Plantas Medicinais, Doenças Emergentes, Reemergentes e Epidemias*. A experiência foi rica para a formação desses estudantes porque também foram exploradas a proposta de transversalidade do tema saúde e várias sugestões para trabalhá-lo de modo interdisciplinar. É importante salientar que, embora seja difícil, é imprescindível promover oportunidades de ensino que ultrapassem o formato tradicional, sendo assim, na disciplina em questão, a sugestão de elaborar um plano de aula interdisciplinar traz inovação à formação docente, uma vez que o futuro professor poderá ter a oportunidade de romper com o ensino fragmentado e engessado. Na atividade *Saúde na mídia*, que foi bem vista pelos alunos, há um incentivo grande para se conflitar o senso comum e os conhecimentos científicos, a busca pela veracidade das informações veiculadas na mídia e o apoio ao ensino contextualizado com as tecnologias de comunicação. Assim como dizem Schall e Modena (2005, p. 245), “a complexidade da interação entre comunicação, saúde e educação, suas possibilidades e contradições não podem ser reduzidas à instrumentalização de novas tecnologias da informação”. Sustenta-se que os professores devem estar aptos a desenvolver atividades pedagógicas com seus alunos explorando os meios de comunicação, pois o bombardeio de novas tecnologias transformou e transforma a maneira de transmitir e apreender as informações, construindo a nova sociedade marcada pelo espaço eletrônico.

Todos os grupos de trabalhos de cada turma tiveram boas ideias na elaboração de atividades que estimulam a capacidade crítica dos seus futuros educandos. Houve bastante preocupação em sustentar uma ES com enfoque formador, na qual o sujeito é convidado o tempo todo a construir os significados dos conteúdos ao invés de ser surpreendido com informações impostas, “decorebas”, lições de moral e regras de comportamento.

Nessa atividade já se conseguiu destacar boa evolução da maioria dos alunos quanto às práticas de ES atuantes dentro da escola, uma vez que os próprios alunos conseguiram demonstrar, por meio de suas propostas de atividades, que a ES deve fazer parte do processo de ensino e aprendizagem de qualquer indivíduo e por isso não pode ser abordada com má qualidade e pouco empenho.

Já na atividade *Projetos de ensino*, a maior aposta da disciplina, os objetivos de ensinar os alunos sobre a metodologia de projetos, sua importância e como ela pode ser útil nas práticas de ES na escola, foram bem-sucedidos. Os estudantes colocaram em prática as próprias percepções sobre a ES e a pedagogia de projetos, e expressaram dificuldades na elaboração de ideias de projetos de ensino que abordem assuntos ligados à saúde. O que nasceu mediante essa prática foi a percepção, partindo dos próprios alunos, da grande potencialidade que essa estratégia de ensino possui para auxiliar no trabalho de ES na escola, uma vez que é um ensino com estímulo para o aluno em formação tornar-se um indivíduo ativo, autônomo, crítico e reflexivo.

Os aspectos do sistema de atividades que podem ser relevantes nessa prática são a pesquisa como principal atividade dos projetos, a relativa heterogeneidade das atividades, principalmente na fase de produção dos alunos, a predominância de atividades extraclasse, a atividade de estudo do professor como parte da prática pedagógica e a relativização do livro texto como principal recurso didático. É a partir dessa complexidade que os professores em formação são levados a construir estratégias pedagógicas inovadoras, em que o ensino e a aprendizagem sejam um processo de formação contínuo, e o aluno venha a ser o protagonista. Mas eles não escondem o fato de que é justamente essa complexidade que traz enormes dificuldades para configurar um projeto de ensino.

Vale ressaltar aqui que a maioria dos projetos de ensino, assim como os demais exercícios de elaboração de atividades docentes, não foram colocados em prática. Infelizmente não há logística para essa execução. Por isso as ideias são apresentadas na sala de aula para os

professores e demais estudantes e são avaliadas por meio de roteiros, sendo esse momento uma das atividades avaliativas da própria disciplina. Foram discutidos os pontos positivos e negativos, os possíveis erros e acertos, e a partir daí novas ideias foram sendo construídas no que diz respeito à prática com projetos. Porém também ficou registrado que alguns poucos alunos tiveram oportunidades de experimentar suas criações nos respectivos estágios ou atividades docentes formais à época, e, assim, conseguiram fazer relatos à turma de suas experiências. Assim sendo, frutos já eram colhidos a partir do Laboratório de Ensino em Saúde.

Enfim, por meio das atividades *Avaliação da disciplina e Autoavaliação*, os professores foram conseguindo ponderar erros e acertos nessa empreitada pedagógica. Esse tipo de prática é crucial num processo de formação docente, pois é necessário que o próprio objeto das ações tenha voz ativa na sua formação. Os relatos dos próprios alunos são a comprovação do impacto da disciplina em sua formação. De modo geral – e muito bem expressado –, evidenciaram-se o desconhecimento inicial ou o conhecimento precário sobre ES, que foram sendo superados pela oportunidade dos estudantes de imergirem nesse campo. Foram elogiadas as atividades, sob a visão de que são chances de se vivenciar, mesmo que de modo restrito (devido ao fato de os licenciandos não poderem executar suas atividades e, assim, testá-las), as experiências de um educador e o fazer docente. Foram apresentadas também críticas em relação ao grande número de atividades dentro da disciplina, ao passo que houve igualmente parabenizações pelas tantas oportunidades.

Uma vez que as autoavaliações são atividades, entre os instrumentos avaliativos, em que o estudante tem oportunidade ressaltada de assumir protagonismo na vida acadêmica, para o docente interessado em promover formação teórica e prática de professores inovadores e empreendedores, ela pode fornecer dados sobre o entendimento dos estudantes a respeito do conteúdo e do modo como eles foram impactados pela disciplina (MORO; SANTOS, 2016). Sustenta-se aqui que o *feedback* dos estudantes foi de suma importância para a melhoria da disciplina em questão, contribuindo para o aperfeiçoamento da avaliação, formulação e reformulação das atividades no laboratório de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se por um lado o professor universitário, formador de professores, deve possuir o saber científico da área de conhecimento que leciona, por outro, há o desafio de ele conseguir problematizar esse conhecimento com os discentes ali presentes (ALVES; BARBOSA; DIB, 2016).

Essa dualidade está caracterizada na ação dos professores deste trabalho. Após observarem-se os vários feitos durante os dois anos iniciais dessa disciplina, percebe-se que ela vem se concretizando como um ambiente para que os estudantes tenham contribuição na sua futura atuação docente, assim como é sugerido na proposta de um laboratório de ensino desse curso de Ciências Biológicas.

Porém, diante da pequena expressividade que a Educação em Saúde possui no currículo da respectiva instituição, fica um alerta para que esse campo obtenha maior atenção, e o Laboratório de Ensino em Saúde é uma iniciativa positiva nesse contexto. É necessário considerar que as contribuições da ES para a formação de um professor de Ciências e Biologia são fundamentais para permitir que os estudantes tenham contato com esse campo em específico e ampliem conhecimentos sobre ele.

Uma atenção maior deveria ser direcionada não somente para a ES na escola, mas para a própria formação docente na graduação, pois o que temos visto nos últimos anos é uma maior importância atribuída à pós-graduação em detrimento da graduação (FARIA FILHO, 2014). E além do mais, como aponta Faria Filho (2014, p. 91), “a isso se somaria ainda o maior investimento dos diversos departamentos universitários na formação de novos pesquisadores em detrimento da formação de novos professores”. Por isso este relato vem auxiliando na composição de pesquisas sobre os formadores de professores, os licenciandos e os diferentes contextos de ensino, bem como sobre a influência do currículo no *aprender a ensinar* desta universidade no campo da Educação em Saúde na escola.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. V. S.; BARBOSA, C. R.; DIB, A. Fundamentos pedagógicos e a formação docente: a experiência do estágio à docência. *Rev. Docência Ens. Sup.*, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 63-88, out. 2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Ciências Naturais* / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais* / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FARIA FILHO, L. M. A universidade e a formação de professores: uma discussão necessária. In: SOUZA, J. V. A. *Formação de professores(as) e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG, 2014, p. 90-97.

KRESS, G. A Curriculum for the Future. *Cambridge Journal of Education*, v. 30, n. 1, p. 133-145, 2000.

MOHR, A. *A natureza da educação e saúde no Ensino Fundamental e os professores de ciências*. 2002. 252 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

MORO, L.; SANTOS, E. P. *Autoavaliação em disciplina de Patologia Comparada: corresponsabilização do graduando pela formação acadêmica*. In: CONGRESSO DE INOVAÇÃO E METODOLOGIAS DE ENSINO, 2, 2016, Belo Horizonte. Anais... Disponível em: <<https://congressos.ufmg.br/index.php/congressogiz/congresso-giz-2016/paper/view/287>>. Acesso em: 08 set. 2017.

SAMPAIO, A. F. *A temática educação em saúde na formação de professores de ciências naturais*. 2014. 123 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências) – Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

SCHALL, V. T.; MODENA, C. M. As novas tecnologias de informação e comunicação em educação em saúde. In: MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JR., C. E. A. (Org.). *Críticas e atuantes: ciências sociais e humanas em saúde na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005, p. 245-255.

TALAVERA, M.; GAVIDIA, V. Dificultades para el desarrollo de la Educación para la Salud en la Escuela. Opiniones del Profesorado. *Revista Didáctica de las Ciencias Experimentales y Sociales*, Valencia, Universitat de València – Departamento de la Didáctica de las Ciencias Experimentales i Sociales, v. 21, p. 119-128, 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Instituto de Ciências Biológicas. *Projeto pedagógico do curso de graduação em Ciências Biológicas*, Belo Horizonte: ICB/UFMG, 2005.

VENTURI, T.; PEDROSO, I.; MOHR, A. *Educação em saúde na escola a partir de uma perspectiva pedagógica: discussões acerca da formação de professores*. In: VI ENCONTRO REGIONAL SUL DE ENSINO DE BIOLOGIA (EREBIO- SUL), XVI Semana Acadêmica de Ciências Biológicas: a docência em biologia: da formação inicial à formação continuada tecendo CTSA, 2013, Santo Ângelo/RS. Anais... Santo Ângelo/RS, 2013.

Fábio Brandão Vieira

Graduado em Licenciatura em Ciências Biológicas pelo Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Minas Gerais (ICB-UFMG). Especialista em Docência em Ciências da Saúde pela AVM Faculdade Integrada. Mestrando de Patologia Geral pelo ICB-UFMG, na linha de pesquisa de Ensino de Saúde.

thebigbrain2@hotmail.com

Luciana Moro

Graduada em Medicina Veterinária pela Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais (EV-UFMG). Mestre e Doutora em Medicina Veterinária pela EV-UFMG. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Professora de Patologia Geral do ICB-UFMG. Pesquisadora na linha de pesquisa de Ensino de Saúde/ICB/UFMG. Participa do grupo de pesquisa: Gestos e Multimodalidade no Ensino Superior/FAE/UFMG.

moro37@gmail.com